

Revista da Tevê

ZERO HORA □ PORTO ALEGRE □ 28.6.92 □ n° 643

BONI

*“A tevê
não é uma
obra de
autor”*

▶ 4 e 5



ENTREVISTA

“A RBS TV é um dos melhores modelos de organização”

JOSÉ BONIFÁCIO de Oliveira Sobrinho, o Boni, 57 anos, vice-presidente de operações da Rede Globo. Boni é quem, abaixo de Roberto Marinho, verdadeiramente toma as decisões capitais da emissora que detém 65% da televisão brasileira em aspectos como audiência, mercado publicitário e produção. Perfeccionista, ele controla há 25 anos o chamado padrão Globo de qualidade que, segundo ele, também é o modelo de trabalho da RBS TV. No fim de semana passado, concedeu entrevista exclusiva a Zero Hora durante sua estadia no Spa Dr. Minuzzi na Zona Sul de Porto Alegre

FÁBIO DE LA RUE
e VERA MOREIRA

ZH — Existe censura na Globo?

Boni: As pessoas podem usar o nome que quiserem. Pode até ser censura, mas a verdade é o seguinte: todas as grandes emissoras de televisão têm um departamento de controle interno. A Globo sempre teve o seu. O departamento controla exclusivamente a área de entretenimento, não controla a área de jornalismo. Todo o material produzido é analisado a partir do texto. A televisão não é uma obra de autor, não há trabalho individual. É um trabalho coletivo que conta com a participação de várias pessoas. Várias novelas foram escritas a partir de idéias minhas. Adaptamos, corrigimos e modificamos idéias de um grupo de pessoas. A função do grupo é fazer com que a produção e a programação sejam adaptadas a um veículo de massa. Se não for assim, qualquer diretor pode programar um filme como *Calígula*. Na Globo não existem condições para que isso aconteça. Na hora que alguém programa um filme, existe uma discussão entre algumas pessoas para decidir se a exibição é adequada ou não. As normas de adequação são claras.

ZH — Quem ou o que as rege?

Boni: A Globo tem um documento assinado pelo dr. Roberto Marinho que chama-se *Sensibilidade e Responsabilidade*. É uma “bibliazinha” do que a empresa pretende ou não pretende fazer. Ele fala que tudo aquilo que a sua sensibilidade admitir, tendo em vista que se trata de um veículo de massa endereçado à família, vale. O sujeito pode transgredir o seu próprio conceito de sensibilidade se achar que pode avançar em alguma coisa e ser mais ousado ou moderno, mas deve ter responsabilidade nessa transgressão para poder responder pelo que fez. Pertencemos à Abert e respeitamos seu código, que é absolutamente claro e objetivo. E isso não é uma autocensura. É um controle feito junto com os autores de determinadas obras.

ZH — Esse controle foi o que levou à modificação de quatro capí-

tulos da nova série *Anos Rebeldes* (estréia dia sete de julho)?

Boni: A minissérie é uma história de amor. Todas as boas histórias de amor no cinema e na televisão são pontuadas por separações. Não existe história de amor sem desencontro. Para criar um envolvimento temos que primeiro dar um clima. Em *...E o Vento Levou* era a Guerra da Secessão. Em *Anos Rebeldes*, temos a Revolução de 64 como pano de fundo. Uma menina conservadora achando que a solução está no indivíduo e um rapaz guerrilheiro achando que o problema é social e as soluções vão por outro caminho. Duas fórmulas de dois idealistas, de idades semelhantes e apaixonados tentando cada um fazer o seu caminho. A revolução aparece no meio desta história na hora em que o rapaz entra para a luta armada e tem que fugir e ficar longe da menina. Um tentando fazer a cabeça do outro. Todos os fatos históricos da revolução estão presentes. Não podemos censurar determinados assuntos ou fatos. Ninguém mexeu nisso.

ZH — O que houve então?

Boni: Não nos interessa fazer uma reconstituição da revolução. Se isso interessasse, eu teria feito um *Globo Repórter*. E ainda, se pensasse em transformar a reconstituição em minissérie eu chamaria um historiador e não um novelista. Não é uma questão de competência e sim de especialização. Eu tentaria, então, avaliar recursos financeiros para recompor aquilo tudo, colocar todos os nomes reais das pessoas e fazer aquela história. Mas não era esse o objetivo de *Anos Rebeldes*. O Gilberto Braga é um mestre. Sua história está muito bem escrita. Quando ele chegou no capítulo 11 e separou o casal, passou a escrever somente sobre a Revolução. Eu pensei: “Quem é que vai continuar a assistir isso?”

ZH — O que exatamente ele escreveu?

Boni: O Gilberto passou a escrever acontecimentos fictícios para preencher a lacuna da separação do casal e o público ficar esperando que eles se reunissem. Mas isso carregava nas tintas no seguinte



Futuro: “O produto de tevê deverá ser endereçado ao mercado internacional”

ponto: todo o pessoal que fizera a revolução era bandido e todo o pessoal que não era revolucionário era mocinho. Pensei que isso é algo muito maniqueísta. Ele estava transformando a história. Com isso, ele escreveu quatro capítulos completamente monótonos. Episódios isolados pararam a história. Quando foi chamado, o Gilberto Braga sentiu-se censurado. Ele não sabia o que estávamos querendo e entendeu que a Globo estava mexendo na história dele. Pedi para ele escrever o que estava aprovado na sinopse.

ZH — Mais especificamente o quê?

Boni: Dei a orientação para ele não ser maniqueísta e fazer aquilo no que é mestre. Os capítulos devem ter interesse, não podem ser monótonos. Disse para ele não tirar nada. Só pedi para não fazer erotismo barato. Não adianta pegar um PM que não é um general, não é nenhum nome conhecido (nem nada ideológico) e colocá-lo em frente a uma menina nua com um cacete no meio das pernas dela. Isso não vou poder exibir, não faz sentido. Era uma cena de sacanagem sem nenhuma função na série. Do ponto de vista moral, era uma cena muito pesada sem nenhuma neces-

sidade. O Gilberto mudou e fez a seqüência do 11º ao 14º capítulos talvez a mais brilhante de *Anos Rebeldes*.

ZH — E o Programa Legal que seria feito em Brasília?

Boni: O único cara que enguiçou com isso fui eu. O Programa Legal faz Portugal ficar engraçado, vai a Miami e deixa a cidade engraçada, mas não transforma nenhum desses lugares no lixo do mundo. Então os caras foram para Brasília. Toda a parte da política ficou boa, tanto que o programa irá ao ar. Só que a parte das coisas esotéricas transforma a cidade no penico do mundo. Isso não era engraçado. Posso fazer uma piada engraçada, mas não posso ofender. Um programa inteiro esculhambando com Brasília não é tolerável.

ZH — E o humor do Casseta & Planeta é tolerável? O senhor acha a imagem de um humorista apontando para o seu membro engraçado?

Boni: Na semana passada eu fiz um comunicado para eles elogiando o segundo programa que foi ao ar. Conseguiram fazer um programa que não tinha nada disso e estava mais engraçado. Não consegui achar graça do primeiro pro-

grama. Fazer humor baixando, o nível não dá. Primeiro, porque pode ficar agressivo, e mesmo que você tolere essa agressão, ela não tem graça. Até a semana retrasada, eu estava disposto a tirar o Casseta & Planeta do ar, não por ser pornográfico, mas por não ser engraçado. Como começaram há pouco em televisão, às vezes erram a mão. Eles têm tido mais experiências negativas do que positivas. Apontar para o membro é brincadeira de colégio.

ZH — Como estão as co-produções?

Boni: Estamos começando lentamente, porque o parque tecnológico brasileiro está defasado. Ainda usamos o maldito sistema PAL-M, temos dificuldades de estúdios e equipamento. Com isso, iniciamos timidamente as co-produções. Com

Portugal, colocamos dois atores em *Pedra Sobre Pedra*. Os portugueses participaram da discussão da história, entram com algum dinheiro, mas o que estamos fazendo no momento não é co-produção. Fazemos um aprendizado, um ensaio. Só vai ser possível fazer isso quando tivermos um estúdio que nos permita fazer um produto que não seja voltado para a exibição no Brasil.

ZH — E para onde deverá ser endereçado?

Boni: O produto da co-produção deve ser voltado para o mercado externo. Quem não fizer produto internacional vai morrer. No mercado brasileiro, com suas constantes alterações políticas e econômicas, é necessário fazer um produto que seja universal. Não significa que nós não faremos uma novela como *Deus nos Acuda* (a próxima das sete). Mas parte do produto deverá ser endereçado ao mercado internacional. Isso depende de você sentar com autores, com financiadores e estabelecer os padrões de produção.

ZH — O senhor não acreditava na venda da Rede Manchete. Por quê?

Boni: Porque conheço muito o Adolpho. Ele é idealista e perseverante. Quando falei que ele estava acostumado a conviver com o pre-

ENTREVISTA

juízo, eu não quis dizer que ele era incompetente. Mas ele mesmo me revelou que queria ter uma vida mais tranqüila, que estava apaixonado e feliz. Mais tarde a venda da Manchete acabou se consumando. Se bem que, por enquanto, essa história ainda está meio confusa, não?

ZH — Qual das concorrentes o senhor considera a melhor?

Boni: É difícil saber. Principalmente porque a concentração de grandes talentos está dentro da Globo. Mas podemos imaginar que existam bons programas fora da Globo, isso é normal. A Globo não é a única emissora que funciona. Até nós não estamos completamente satisfeitos com ela. Se me perguntassem se a Globo é uma boa emissora eu diria que ainda não é. Tentamos fazer com que seja, mas temos dificuldades com a falta de formação de profissionais. É um caminho árduo. Produzimos praticamente dez horas de programação por dia. Temos que encontrar gente que escreva, bons editores, pauteiros. São cerca de 5,2 mil pessoas envolvidas diretamente na produção do material que vai ao ar todos os dias. Temos quantidade, mas faltam mais profissionais qualificados para fazer uma televisão melhor. Com o empobrecimento da classe média, a televisão brasileira baixou de nível. Temos mais gente de classe C e D vendo televisão do que tínhamos há dez anos.

ZH — E isso se reflete em uma perda de qualidade?

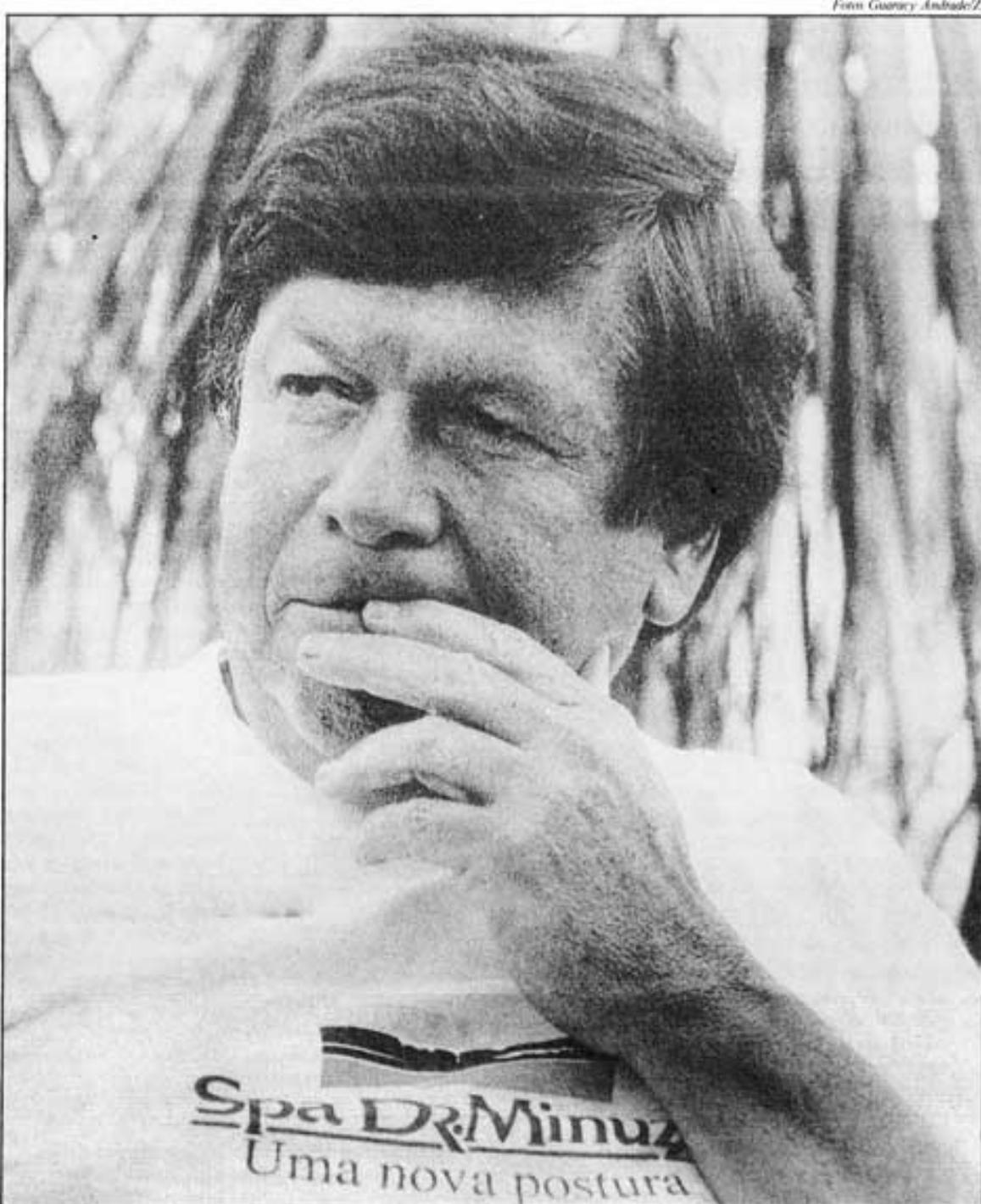
Boni: Não necessariamente, mas torna o trabalho muito mais difícil. Temos que manter o nível de qualidade, mas não podemos perder audiência. É um grande desafio. Temos que criar novos programas, mas não podemos tirar os antigos do ar porque se transformaram em hábito. Dificulta, no mínimo, a renovação. É difícil renovar quando do temos um público acostumado a receber um tipo de programação que, se for mexida, vai favorecer a concorrência. Hoje é fácil concorrer no Brasil, porque os critérios éticos foram esquecidos.

ZH — Esse é o caso da Rede OM (ainda sem transmissão no Rio Grande do Sul), que passou a exibir filmes pornográficos?

Boni: Considero que não seja possível exibir um filme pornográfico na televisão. Existe um limite. Um veículo de massa não pode fazer isso. A Rede OM ainda não afiliou-se à Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), certamente porque a entidade limitaria a ação da emissora. Não há televisão feita de programas, o que faz a televisão é a programação. Imagino que eles estejam desenvolvendo uma estratégia de chamar a atenção e aparecer para marcar o lançamento da rede.

ZH — Zero Hora tentou uma entrevista com Paulo Perdigão, programador de filmes da Globo, sobre a seleção de filmes na emissora. Ele recusou-se a falar, alegando que o senhor não permitia. É assim mesmo?

Boni: O programador de televisão



Problema: "Temos quantidade, mas faltam mais profissionais qualificados para fazer uma televisão melhor"

não é o responsável pela estratégia de programação. Dou uma linha e ele deve segui-la. Os jornalistas confundem a programação da televisão com a produção da televisão. Na produção incluo os filmes que compramos. O Perdigão é uma pessoa maravilhosa, mas por mais que alguém elogie os filmes que escolhe, ele vai dizer sempre que odeia. Por isso não gosto que ele fale. E se eu deixar que ele programe tudo, vai exibir só filmes preto e branco ou filmes de uma determinada época do cinema que ele considera a única válida. Ele é, acima de tudo, um crítico de cinema. O Perdigão é uma das pessoas que mais sofrem na Globo: nem sempre compramos os filmes que gostaríamos de exibir e nem sempre podemos exibir os filmes que compramos.

ZH — Até duas semanas atrás, os filmes do Domingo Maior eram sempre violentos. Agora estão mais românticos. A Globo resolveu abrandar a noite da véspera do início da semana de trabalho?

Boni: Sim. A linha do Domingo Maior foi mudada por mim há duas semanas. Mas as decisões da Globo não são tomadas só por mim. Mui-

tas vezes sou surpreendido por problemas como esse. Roberto Buzzoni, diretor de programação da Rede Globo, julgou que a audiência da TVS estava crescendo muito no domingo. Perdemos uma parte da audiência porque nem todas as pessoas gostam dos Gols do Fantástico. O programador resolveu buscar a audiência através de filmes violentos, polêmicos e agressivos. Não acho essa linha correta e pedi que fosse alterada. Se alguém começa a ver um filme no outro lado, não vai ver o filme do lado de cá. O telespectador só vai trocar de canal se o filme do lado de cá for melhor que o outro. Se tínhamos 30 pontos com os Gols do Fantástico e um público masculino, não existia a necessidade de manter esse público. De qualquer maneira, a audiência vai baixar para no mínimo 15 pontos, porque o público masculino vai dormir. Os aparelhos serão desligados, essa é a rotina. Os 15 pontos nós podemos obter com filmes românticos e mais leves. Estamos corrigindo esse problema.

ZH — A RBS TV é a afiliada da Globo que mais realiza produção local?

Boni: Sim. A RBS tem a característica de parecer com uma geradora nacional. Faz programação local muito boa e conta com uma eficiência de operação que é acima dos padrões das outras afiliadas. Tanto no ponto de vista operacional quanto no técnico, especialmente no que se refere à expansão para o interior do estado.

ZH — Como funciona a distribuição das atrações locais dentro da programação da Globo?

Boni: A programação da Rede Globo é rígida, mas temos os chamados horários opcionais. No Brasil inteiro, as afiliadas podem fazer uso desses horários em que a Globo não vende comerciais nacionais. Eles seguem um critério de semelhança entre a programação da Globo e das afiliadas. A questão é de público-alvo. Ele deve ser o mesmo, principalmente nos programas telejornalísticos.

ZH — Qual o percentual máximo de programação local que a Globo permite a uma afiliada?

Boni: Não tenho os cálculos de cabeça, mas fica em torno de 10%. No Rio Grande do Sul acredito que chegue a 15% ou até 20%, o maior

do País. Em virtude da qualidade dos programas de uma afiliada, a Globo abre mais ou menos espaço.

ZH — Daniel Filho, ex-diretor da Globo, em recente entrevista ao Jornal do Brasil, afirmou que a melhor televisão do País é a RBS TV. O que o senhor acha disso?

Boni: Acho que o Daniel se referia a um respeito muito grande pelos empresários da RBS. Ele deve ter afirmado isso sob o ponto de vista empresarial e não do que é exibido na tevê. Ele estava saindo da Rede Globo por desentendimentos internos e sabe que a RBS tem o saudável hábito da integração e do diálogo dos profissionais com a direção da empresa. O modelo de trabalho da RBS TV é muito bom. Diversas vezes estivemos aqui para aprender com o pessoal da RBS a realizar um trabalho mais racional, enxuto e eficiente. A RBS TV, como modelo de organização, é uma das melhores emissoras do País.

ZH — O núcleo local do telejornalismo da Rede Globo foi extinto. Por quê?

Boni: Antigamente tínhamos um jornalismo nas afiliadas bastante deficiente. Em função disso, era necessário que a Globo tivesse profissionais trabalhando em todo o Brasil. A primeira emissora a quebrar essa disposição foi a RBS, porque verificamos que havia um trabalho jornalístico bem feito e competente no Rio Grande do Sul. Abrimos a exceção para RBS e depois isso foi estendido para o Brasil inteiro. Do ponto de vista empresarial, é mais fácil deslocar um repórter nacional para junto do fato apenas quando o acontecimento vai durar algum tempo.

ZH — Na maioria das vezes, as reportagens locais são reeditadas na Globo. Por quê?

Boni: A prioridade no jornalismo é o fato e não o repórter. É melhor cobrir um fato com um amador do que não cobri-lo. Mas na realidade, as pessoas preferem que os fatos sejam contados por repórteres conhecidos. Os telespectadores prestam mais atenção a quem conhecem. Cada vez que aparece um repórter muito bom, nós solicitamos à emissora afiliada que use mais esse repórter e, provavelmente, ele será levado para o Rio de Janeiro.

ZH — Esse foi o caminho de muitos repórteres gaúchos que estão na Globo.

Boni: O rádio gaúcho deu à radiofonia nacional vários locutores noticiaristas. Os gaúchos se adaptam muito mais a um "acento" nacional do que o próprio carioca ou o pessoal do norte. Os locutores paulistas e gaúchos são os melhores. Os cariocas são boca-mole. O nível de cultura no Rio Grande do Sul é superior ao dos outros estados, só tem paralelo com o interior paulista. O nível de ensino no interior é melhor que nas capitais, os jovens estudam mais tempo, há menos atrações do que na cidade grande, as drogas chegam mais tarde. É um outro tipo de formação, mais sólida. O celeiro é o interior.